



**Sessão temática: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional.  
Mesa coordenada Expressões do serviço social crítico e radical nos EUA, Inglaterra e Espanha (1960 a 1980).**

## **A TRAJETÓRIA DA PERSPECTIVA RADICAL NO SERVIÇO SOCIAL DOS ESTADOS UNIDOS**

**LARA BARREIRO FEITOZA<sup>1</sup>  
SARA A. DE C. MAYRINK MARQUES<sup>2</sup>  
SUELLEN PAULA DE ARAUJO ALVES<sup>3</sup>  
CARLA FERNANDES CARRILHO<sup>4</sup>**

**Resumo:** Este artigo apresenta a emergência de uma perspectiva radical nos Estados Unidos que se dá entre os anos de 1960 e 1980, a partir de uma visualização histórica dos acontecimentos anteriores à época, principalmente entre a década de 1930 e o final da década de 1940, que levaram os assistentes sociais a uma insatisfação com a definição, o objetivo e a metodologia estabelecida à profissão. Graças a uma maior apreensão crítica sobre a realidade econômica, política e social, esses profissionais buscaram alterar o campo teórico do Serviço Social de forma a influenciá-lo e gerar debates até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Serviço Social; Radical; Estados Unidos.

**Abstract:** This article presents an emergence from a radical perspective in the United States between the 1960s and 1980s, based on a historical view of the events that preceded this period, especially between the 1930s and the late 1940s, which led the social workers to a dissatisfaction with the definition, the objective and the methodology established to the profession. Thanks to a greater critical apprehension about the economic, political and social reality, these professionals revolutionized the theoretical field of Social Work in order to influence it and generate debates until the present day.

**Keywords:** Social Work; Radical; United States.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta o contexto sócio-histórico dos Estados Unidos, entre as décadas de 60 e de 80, que levou o Serviço Social a uma mudança radical. O texto é resultado parcial de leituras feitas a partir do projeto de iniciação científica “Movimentos Contestatórios no Serviço Social Iberouropeu e da América do Norte no período de 1960 a 1980”.

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: <trabalhos@alvoseventos.com.br>.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>4</sup> Profissional de Serviço Social.

Faz-se necessário ressaltar que não é o foco deste estudo estabelecer conclusões sobre o que é o movimento radical ou se o mesmo levou a alguma reconceituação do Serviço Social, no entanto, afirma-se a existência de um processo de contestação no que tange o processo de formação acadêmica e no cunho das ações profissionais e das correntes que o influenciaram a realizar a crítica às suas bases. Nessa perspectiva, a primeira parte deste artigo tratará do surgimento da perspectiva radical e sua interlocução com o Serviço Social no período de 1930 e 1940, enquanto na segunda seção, será possível visualizar o ressurgimento da perspectiva radical dentro do Serviço Social a partir de 1960.

Esse texto é baseado no trabalho de sete autores: Richard Andrew Cloward, professor da Universidade de Columbia; Frances Fox Piven, professora de ciência política e sociologia estadunidense na Universidade da Cidade de Nova York; Peter Leonard, primeiro professor de Serviço Social na Universidade de Warwick e, depois, diretor do departamento de Serviço Social na McGill University; Stanley Wenocur, doutorando de Serviço Social pela Universidade da Califórnia-Berkeley e professor na Universidade de Maryland Baltimore; Michael Reisch, professor de justiça social na Universidade de Maryland; David Wagner, professor de sociologia e Serviço Social na Universidade de Southern Maine; e Janice Andrews, professora de Serviço Social na Universidade de St. Thomas.

Para um melhor entendimento deste artigo, é importante ter em mente que a emergência e institucionalização do Serviço Social ocorre no final do século XIX. Esse processo originou-se sob a intensa industrialização e, por conseguinte, a expansão urbana que a sociabilidade capitalista possibilitou em seu desenvolvimento e, logo, após o acirramento da questão social que veio com ela. Nesta época ocorre à centralização e concentração de capital nas mãos da burguesia, de forma aumentar a exploração e alienação do proletariado, o exército industrial de reserva, além da desigualdade e exclusão social. Com a reação da classe trabalhadora, que ameaçava o modo de produção capitalista ao exigir melhores condições de vida, o Estado passa a ter funções políticas e econômicas, uma vez que tinha que responder às exigências dessa classe.

Dessa forma, o Serviço Social nasce como promessa do Estado de atender uma determinada demanda social; mediar entre aqueles que têm os recursos e aqueles que não os têm; atuar como amortecedor, desviando e absorvendo o conflito que poderia levar a mudança mais básica. Nessa perspectiva, a prática do Serviço Social é estritamente vinculada à questão social, uma vez que a mesma pode ser traduzida no confronto entre a classe operária e a classe burguesa capitalista; entre o capital e o trabalho, que gera uma série de problemas sociais, econômicos e políticos.

Entretanto, a profissão de Serviço Social no final do século XIX, financiada pela estrutura dominante, involuntariamente serviu ao fim político de manter o status quo. As ações desenvolvidas eram baseadas principalmente no conservadorismo e no positivismo, com fins terapêuticos, sob uma análise individualista do problema e não sob a ótica da totalidade, compreendendo o indivíduo como um “desajustado” a sociabilidade. Tal discurso, moralizante e culpabilizador, era utilizado para controlar a classe operária emergente, que vinha se organizando e pressionando a burguesia e o Estado a promover melhores condições de vida. Nessa perspectiva, o sistema capitalista corporativo desse período passa a não só controlar e oprimir a classe subalterna através de suas atividades lucrativas, mas a desumanizar a própria estrutura dos serviços humanos projetados para ajudar os necessitados e os profissionais que fornecem tais serviços.

Ao passar dos anos, com a incidência de inúmeras crises do capital, a classe trabalhadora começou a perceber uma incoerência em relação às respostas dadas pelo governo. A cada crise, diversas sequelas incidiam sobre essa classe, que por sua vez, já vivia em condições precárias. Diante dos dilemas enfrentados pela classe subalterna, práticas políticas, como a criação de sindicatos, associações, organizações e partidos, foram fomentadas com intuito de consolidar e ampliar direitos, além de impedir, sobretudo, a exclusão desta camada das decisões políticas econômicas do país.

Com o acentuado descontentamento e a ampliação de uma consciência crítica por parte dos trabalhadores, e através da sua aproximação com o campo da esquerda, aumentou-se a incidência de questionamentos também no cerne do Serviço Social. Por esse motivo, houve uma necessidade de

remodelação da linha de pensamento conservadora da profissão, de forma que durante a história, vários grupos de assistentes sociais propõem mudanças radicais na definição, no objetivo e na metodologia do Serviço Social, como será possível ver ao longo desse estudo.

## **2. O SURGIMENTO DA PERSPECTIVA RADICAL E SUA INTERLOCUÇÃO COM O SERVIÇO SOCIAL NO PERÍODO DE 1930 E 1940**

Os Estados Unidos, no final da década de 1920, foi marcado por um grande declínio econômico, com reduções orçamentárias e um crescente desemprego experimentado em todas as profissões. A miséria e a deflação tornaram-se presentes também no decênio de 1930, surtindo efeito em todo o cenário mundial. Cabe ressaltar que o desemprego atingiu, também, os assistentes sociais, que por sua vez já se encontravam expostos à extrema pobreza e a desigualdade. Diante de todos os agravantes causados pela crise do capital na vida da classe trabalhadora, originou-se uma situação propícia para a eclosão de movimentos sociais na defesa e ampliação de seus direitos (REISCH; ANDREWS, 2002).

Em 1934, o presidente Roosevelt, por meio de políticas liberais, implementou o *New Deal*, que compunha uma série de programas com o objetivo de recuperar e reformar a economia norte-americana. Dentre eles estabeleceu-se o Programa de Bem-Estar Social, com intuito de remediar a absoluta pobreza ocasionada pela Grande Depressão em 1929.

De acordo com Cloward e Piven (1976), a política de Bem-Estar Social implementada no contexto econômico dos anos 1930 serviu como um grande mecanismo de investimento para a iniciativa privada. Desse modo, as políticas de saúde, habitação e educação pública, entre outras, não representaram melhorias na realidade vivenciada pela população, mesmo em sua plena expansão, mantendo assim a perpetuação do pauperismo. Cabe ressaltar que os autores trazem fortes críticas ao Programa de Bem-Estar Social em relação aos investimentos em políticas sociais e, também, à formação dos profissionais do Serviço Social da época, que os limitava a uma prática que atende mais aos interesses institucionais burocráticos que aos “clientes”. Tais estruturas se

apresentam como uma reafirmação do viés conservador, em vista das insurgências dos movimentos sociais expressos nas lutas por direito de igualdade racial, gênero e de cunho econômico.

Segundo Reisch (2002), no âmbito geral, o Serviço Social organizado, era expresso através da liderança da Associação Americana de Serviço Social (*American Association of Social Work – AASW*) e da Conferência Nacional de Serviço Social (*National Conference of Social Work – NCSW*), e aprovava os objetivos e as propostas do *New Deal*.

Nesse contexto, durante a Conferência Nacional de Serviço Social (*National Conference of Social Work*) em 1934, Mary Van Kleek desafiou o apoio acrítico da profissão às políticas do *New Deal* por esse preservar os direitos da propriedade e os lucros da elite corporativa sob pretexto de melhorar o padrão de vida das pessoas comuns. Para ela, só uma reestruturação radical da economia estadunidense, em que a indústria e os recursos naturais seriam socializados, erradicaria a pobreza e reduziria o nível de desigualdade da nação, opondo-se claramente à administração do presidente Roosevelt e à maioria da opinião dentro da profissão. Seu discurso definiu o início do movimento que ficou conhecido no Serviço Social como *Rank and File Movement* (REISCH; ANDREWS, 2002).

O radicalismo no Serviço Social da década de 1930 foi enraizado no clima econômico e político geral do período, criando ideologias anticapitalistas e exigindo uma ação radical cada vez mais popular e acessível. Tais ideias atraíram assistentes sociais empregados no setor público em expansão, fazendo com que esses promovessem a sindicalização dentro da profissão e a coalizão com grupos trabalhistas e de esquerda.

Um número importante de assistentes sociais se juntou ou teve extrema proximidade aos partidos comunistas, incluindo líderes do *Rank and File Movement*, como Bertha Carpen Reynolds.

O *Rank and File Movement* foi resultado da maior consciência entre os assistentes sociais acerca das contradições entre a prática profissional e o que o sistema capitalista impunha, consciência essa tomada a partir, principalmente, das péssimas condições e das diversas inadequações que

permeavam o trabalho. A partir disso, o Serviço Social pôde aspirar, de fato, a condição de profissão.

No final da década de 1930 e no início da década de 1940, na medida em que o clima de guerra se intensificava, ficava cada vez mais difícil para os assistentes sociais estadunidenses e para os sindicatos que cresceram no final da década de 1930 assumirem posições públicas contra instituições e programas tradicionais e continuarem com seus pontos de vista de esquerda, pois eles eram constantemente atacados.

Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos assistentes sociais foram investigados ou demitidos de agências públicas e privadas por causa de seus possíveis relacionamentos com organizações ditas suspeitas, associação com o *Rank and File Movement*, defesa de ideias como direitos civis, entre outros motivos (REISCH; ANDREWS, 2002).

Na era pós Segunda Guerra Mundial, a filosofia do Estado de Bem-Estar Social estava ligada a perigosas doutrinas estrangeiras como o comunismo, porque se concentrava em direitos e possuía tendências relacionadas à igualdade.

O Macartismo<sup>5</sup>, período que durou aproximadamente de 1945 a 1960, emergiu e promoveu o clima político e cultural que alimentou a Guerra Fria. Esse clima foi caracterizado por uma atmosfera de recriminação e opressão política em que milhares de trabalhadores perderam seus empregos ou se restringiram na participação política por medo da rotulação de comunista.

Nas décadas de 1930 e 1940, o Serviço Social era uma das profissões que mais se ressaltava no movimento sindical em expansão. Mas, após a guerra, com a histeria anticomunista e a legislação anti-trabalhista, que colocaram os sindicatos numa posição defensiva, esse quadro foi alterado.

O desgosto dos anticomunistas com o Serviço Social e com o Estado de Bem-Estar Social atribui-se aos desenvolvimentos políticos da década de 30 e a constante participação dos assistentes sociais neles, inclusive em posições de liderança.

---

<sup>5</sup> Termo utilizado originalmente para descrever o período histórico estadunidense que ficou conhecido pela vigilância anticomunista promovida pelo Senador republicano Joseph McCarthy.

Assistentes sociais que haviam sido membros importantes na coalizão que criou o *New Deal* e aqueles participantes do *Rank and File Movement* estavam particularmente vulneráveis aos ataques conservadores e anticomunistas em discursos públicos e jornais, já que eram fortes defensores das liberdades civis.

Em suma, segundo Wagner (1989), o assistente social de 1929 a 1934 estava ligado diretamente aos movimentos sociais, tendo uma atuação militante colaborativa junto aos “clientes” na conquista por direitos sociais, levando em consideração o contexto de Depressão vivenciada e a luta pela reversão deste quadro.

Continuando a análise de Wagner (2002), a partir de 1934, o perfil do assistente social configurou-se pela presença de jovens profissionais organizando no local de trabalho um movimento de autoconsciência que se direcionasse para dentro da profissão. Nesse movimento, questionavam os segmentos dominantes da profissão a partir da observação da crítica à proletarianização, e assim, colocavam em xeque seu papel como trabalhador.

Após 1937, iniciou-se a necessidade do desenvolvimento de um movimento pela profissionalização entre os membros de grupos radicais. Além disso, demonstra-se, também, que ao longo dos anos trinta a participação dos assistentes sociais junto à intensa agitação dos movimentos sociais permitiu que a categoria realizasse, talvez inconscientemente, um movimento crítico para além da atuação militante como indivíduos.

Portanto, pode-se dizer que os acontecimentos no campo radical desse período serviram como pressuposto para a futura reorganização da categoria, sem, no entanto, dissociar-se do contexto sócio-político próprio de cada época.

### **3. O RESSURGIMENTO DA PERSPECTIVA RADICAL DENTRO DO SERVIÇO SOCIAL A PARTIR DE 1960**

Entre os anos de 1940 e 1960 os Estados Unidos vivenciou um acentuado crescimento econômico que possibilitou aos americanos uma maior qualidade de vida e, sobretudo, uma visão amistosa sobre o futuro. No entanto, no final da década de 1950 esse “boom” econômico gerado pelo pós-guerra

entrou em declínio, aumentando novamente as taxas de desemprego e o crescimento dos subúrbios (REISCH; ANDREWS, 2002).

Após a morte do presidente Kennedy, o presidente Lyndon Johnson proclamou uma “guerra” para o combate à pobreza em 1964. Para isso, promoveu legislações que incluíam programas de estímulo econômico, pleno emprego, cuidados com saúde e reabilitação urbana e rural, além de aumentar as oportunidades educacionais para jovens e adultos.

A década de 1960 é especialmente importante devido às diversas manifestações por causas populares e sociais nos EUA e no mundo. Na primavera de 1969 em Boston, e em muitas outras grandes cidades, viu-se uma grande agitação popular. Líderes minoritários, organizações constituídas por pessoas carentes e estudantes estavam engajados em uma longa luta por justiça e igualdade, luta essa que visava realizar os ideais humanitários defendidos pelas instituições de serviços humanos da sociedade.

Assim, aliado aos movimentos sociais, o ressurgimento do radicalismo no Serviço Social durante a década de 1960, dá uma nova roupagem para a profissão de Serviço Social tendo seu auge de influência em 1968. Mudanças ocorreram no paradigma da prática desenvolvida, na estrutura da formação profissional e nas organizações sociais, uma vez que muitas profissões de serviços humanos e as próprias disciplinas oferecidas nas universidades sofreram severas críticas por seus objetivos e metodologias, geradas tanto de dentro de tais âmbitos quanto de fora.

No Serviço Social, uma dessas críticas veio do Movimento dos Trabalhadores de Bem-Estar Social (*Social Welfare Workers Movement - SWWM*), nascido de atividades orientadas para o protesto na Conferência Nacional de Bem-Estar Social (*National Conference of Social Welfare - NCSW*) em Nova York no ano de 1969. Tais críticas foram expostas por um de seus principais proponentes, os Estudantes para uma Sociedade Democrática (*Students for a Democratic Society*). Esses forneciam uma ampla análise sociopolítica da sociedade americana pós-industrial, delineando algumas das condições para a mudança e sugerindo algumas diretrizes gerais para a ação social na década de 1960 (WAGNER, 1989).

Uma dessas ações implicava aos assistentes sociais focarem no seu papel como educadores e questionadores da manutenção da ordem conservadora, não apenas direcionada a própria profissão, mas também aos profissionais dos serviços humanos, e em seguida para formar uma aliança com grupos de “clientes” criando uma massa para um movimento em prol de mudança nas instituições de assistência social.

No entanto, o radicalismo no campo da profissão produziu uma reação defensiva do Serviço Social convencional. Muitos assistentes sociais achavam que o ativismo político deveria ser uma atividade subjetiva distinta da prática de trabalho científica e objetiva. Cloward e Piven (1976) revelam que havia uma dicotomia entre alguns assistentes sociais: exercer os direitos humanos ou atender às políticas das agências e das instituições amparadas no governo. Apresentava-se entre a escolha de manter seus empregos em segurança ou o atendimento a pessoas agredidas cruelmente pela sociedade capitalista. Segundo eles, esse se configurava um real e difícil desafio.

Contudo, o perfil do profissional assistente social que se caracteriza na década de 1960 era de uma atuação mais politizada. Entre outros profissionais, os assistentes sociais apresentavam maior interesse para conquistar políticas mais amplas. Faz-se importante ressaltar umas das entrevistas realizadas por Wagner (1989) com os profissionais da época, recordando a sua concepção sobre a profissão:

Eu vi minha posição como sendo, em grande parte, uma posição de controle social. Eu não estava de forma alguma interessado (a) no Serviço Social naquele tempo, e certamente não como uma carreira. Mas o trabalho permitiu-me fazer muito trabalho político... eu pude ir a campo e frequentar demonstrações e... usar a máquina de xerox (WAGNER, 1989, p. 76).

O radicalismo no Serviço Social durante esse período ocorreu no contexto de rápida mudança social e do ressurgimento de movimentos sociais, entre os sucessos acerca dos direitos civis e da Guerra contra a Pobreza, levando muitos trabalhadores a acreditarem que o governo era capaz de resolver qualquer problema desde que ele tivesse recursos.

Em contraponto a credibilidade das políticas implementadas pelo governo, Cloward e Piven (1976) demonstram com uma extensa pesquisa de campo, a desconfiança e insatisfação de estudantes e profissionais do Serviço

Social com o Programa de Bem-Estar Social e sua ampliação. É em 1960 que esses sujeitos descontentes, observados de forma individual pelos autores, se posicionam de forma contrária ao viés conservador dos aparatos institucionais burocráticos, se colocando contrários à educação conservadora a qual eram submetidos e também à atuação psicologizante de culpabilização do indivíduo dentro das agências, que se mostrava esvaziada de uma análise política e socioeconômica pelos profissionais.

Ao longo da década de 1960, os assistentes sociais radicais ainda participavam como militantes em praticamente todos os movimentos sociais, embora não ocupassem papéis de liderança como em épocas passadas. Entretanto, a autoconsciência profissional para a prática, iniciada nas décadas anteriores, gerou contribuições relevantes para a profissão. Os radicais influenciaram também nas mudanças dos estatutos das NASW (*National Association of Social Workers*) para que os assistentes sociais usassem métodos de trabalho e ação social, refletindo-se na adoção de perspectivas mais coletivas e na expansão do ato social, demonstrando um amadurecimento na atuação da profissão, na transição da década de 1960 para 1970.

À medida que o clima político-econômico e ideológico nos EUA foi mudando durante a década de 1970, os radicais do Serviço Social continuaram seus esforços para criar organizações alternativas e reorientar o direcionamento da profissão a fim de mudar os paradigmas da profissão. A crise econômica do início da década afetou os assistentes sociais tanto pessoalmente quanto dentro da própria profissão moldando o ativismo radical desse período (REISCH; ANDREWS, 2002).

Durante os anos de 1970 segundo Wagner (1989), foi criado o *Catalyst Collective*, um coletivo constituído, principalmente, por jovens radicais brancos influenciados pelos movimentos sociais ocorrido na década de 1960 e que se intitulavam como socialistas, anarquistas, feministas radicais e marxistas. Esses jovens deram um novo ar para o Serviço Social em 1970: criaram um periódico chamado *Catalyst: A Socialist Journal of the Social Services*, que articulava uma postura crítica sobre o profissionalismo (WAGNER, 1989).

A experiência do coletivo revela como assistentes sociais radicais desse período desenvolveram orientações teóricas mais abrangentes e avançaram

para estilos menos conflituosos, apesar de não menos militantes (REISCH; ANDREWS, 2002).

Dessa maneira, como apontado por Wagner, na transição de 1960 para o início de 1970, a concepção de radical identificada na profissão refere-se às atuações voltadas para a organização de comunidade, movimentos alternativos, como na gestão de grupos comunitários, como “conspiradores do movimento de *part-time*” atuando como representantes de grupos de esquerda, disseminadores dos meios de comunicação radical, “combatentes do estilo de vida” ou “libertadores humanos” (WAGNER, 1989, p.76).

Ainda sob o panorama dos anos 1970, Wagner (1989) identifica uma ideologia voltada para o “cliente”. Diante disso, os profissionais por ele entrevistados colocaram que sua aproximação com o Serviço Social se deu entre as décadas de 1960 e 1970, visando o recebimento de um trabalho vivenciado, uma prática política já exercida, como abordado:

[Eu] pensei que haveria algum meio de combinar minhas convicções políticas com o trabalho... [e eu] imaginei que poderia fazer organização de comunidade e se pago (a) por isso em vez de ganhar \$ 25 por semana como eu ganhava... Eu tinha essa imagem do Serviço Social tentando ir ao encontro às necessidades das pessoas e também educando as pessoas, como o Black Panther Party<sup>[1]</sup> (Partido dos Panteras Negras) estava fazendo (WAGNER, 1989, p. 77).<sup>6</sup>

Pode-se destacar, conforme explicitado, que nos momentos iniciais, o movimento radical expresso na militância, originou-se como um processo de identificação com os movimentos sociais externos. De acordo com Wagner (1989), os assistentes sociais nos anos de 1970 buscaram se diferenciar dos profissionais dos anos anteriores, sobretudo de 1960, cuja atuação dos mesmos ainda era individualizada. A diferença de perfil, neste momento denota um movimento de reflexão da profissão para si, sendo perceptível uma mudança nas ações, tais como: os profissionais passaram a reconhecer uma dualidade em sua ação no intuito de mediar dois polos: a classe trabalhadora e os burgueses; os assistentes sociais também passaram a desempenhar o fortalecimento de uma consciência crítica nos “clientes”; houve uma maior

---

<sup>6</sup> Movimento iniciado em 1966 por negros americanos – a luta se baseou em prol de conquista de melhores postos de trabalho, moradia de qualidade, fim da perseguição policial e a garantia do ensino sobre os povos negros (WAGNER, 1989, p. 77).

participação na formação dos comitês e nas organizações radicais. Tais aspectos foram primordiais para ampliação do debate e, por conseguinte, para o fortalecimento da profissão no campo crítico.

A aproximação com o radical em meados de 1970, também foi influenciado pelas obras de Fox Piven e Richard Cloward, Jeffrey Galper, Roy Bailey e Mike Brake (WAGNER, 1989, p. 81), cuja disseminação de pensamentos críticos por meio de publicação de obras foi crescente. Tiveram também os movimentos da saúde, das mulheres e o movimento radical na educação, que fortaleceram a aproximação com o campo da esquerda.

Entre os anos de 1960 a 1970, devido às mudanças na demografia e na oferta de empregos, os EUA experimentaram um súbito aumento da taxa de natalidade conhecida como *baby-boomers*, a geração que incluía “os antigos ditos *new lefts*, estudantes radicais e ativistas pelos direitos civis que ocupavam posições profissionais ou pré-profissionais de baixo nível” (WAGNER, 1989, p.80). Assim, o autor também aponta que a aproximação dos jovens com o Serviço Social originou-se pela facilidade no acesso, visto que os pré-requisitos exigidos eram menores comparados com outras profissões, sobretudo em relação à competição entre os interessados e os custos desempenhados.

Faz-se necessário apontar que coletivos profissionais, comitês e jornais foram criados pelas profissões, tais como: *New University Conference* (Nova Conferência Universitária), *Union of Radical Political Economist* (União dos Economistas Políticos Radicais) e o *The Insurgent Sociologist* (O sociólogo insurgente) (WAGNER, 1989, p. 81). Tais grupos desenvolveram-se engajados com a luta da classe trabalhadora, identificando-se com seus “clientes” e pacientes, pois todos eram oprimidos pelo grande capital.

Contudo, o expressivo crescimento do Serviço Social em número pelos profissionais e a influência de pensadores e conteúdos atrelados à esquerda não teve tanto impacto quanto o declínio econômico de 1973, que fez muitos profissionais se encontrar em um contexto desesperador, assim, motivando em 1974 a 1979, o debate no Serviço Social sobre a insegurança instalada quanto ao emprego e a posição do assistente social comparada a momentos anteriores, denominado por alguns como “proletarização”, provocando em

reação um militantismo profissional através de organização sindical. Tal militância se concentrou entre 1975 e 1980 levantando questões sobre a prática e o desenvolvimento de paradigmas radicais. Realizando críticas a liderança profissional sustentada pelo liberalismo e ao liberalismo como base para o Serviço Social (WAGNER, 1989).

Muitas dessas preocupações continuam a forjar o perfil do assistente social em 1980. No entanto, em face do enfraquecimento da esquerda na década de 1980, com o início do Reaganismo em 1981 muitos radicais do Serviço Social foram desmoralizados, levando ao colapso várias organizações radicais. Contudo, novos esforços para construir novos grupos foram realizados, porém não tiveram êxito.

Portanto, pode-se considerar que as preocupações com a profissão e seus rumos diminuíram drasticamente nos anos de 1980. Segundo o autor, dois motivos são responsáveis por isto, sendo o primeiro o declínio de pessoas optando pelo Serviço Social, e em segundo, muitos profissionais deixaram a profissão e migraram para outras áreas de trabalho, pelo que o autor considera ser insatisfação com a área profissional. Esse retrocesso enfraqueceu a profissão, ocasionando um declínio da crítica da proletarização e da necessidade de organização dos “clientes”, retornando a uma prática reformista (WAGNER, 1989, p. 97).

Pode-se considerar que o auge dos grupos radicais no Serviço Social diminuiu nos anos 1980, muitos deixaram de assinar a revista *Catalyst*, diminuindo assim, número de publicações. Cabe ressaltar conforme Wagner (1989) que foi através dos muitos esforços, a revista se manteve como uma voz atuante da esquerda, mas havia um sentimento de desmoronamento. Em 1982, um debate emergiu sobre o cunho da revista, se deveria ser considerada Socialista ou “progressista”. De contraponto, com o único debate que existia em 1976/1977 se o nome principal seria marxista ou socialista. Sentido por alguns integrantes mais tarde, um esvaziamento ideológico de esquerda.

No final do século XX houve uma diminuição do alcance das atividades políticas entre assistentes sociais radicais, fator que fez com que o desenvolvimento da teoria radical assumisse uma dimensão cada vez mais

significativa. Entretanto, o alcance para a fomentação da categoria não teve um êxito como ocorrido em anos anteriores. (REISCH; ANDREWS, 2002).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo proposto buscou refletir e analisar a tendência do Serviço Social estadunidense para o cunho radical. Deste modo, cabe apontar conforme as literaturas trabalhadas que os anos de 1960 a 1980 foram marcados pela presença significativa do radicalismo no seio da profissão. Movimento este, como explicitado por Wagner (1998) permitiu mudança na estrutura profissional, no que tange a concepção teórica e política adotada. Não obstante, também tiveram conquistas importantes, tais como: criação do sindicato; novos postos de trabalho e as mudanças no Código de Ética da profissão.

Faz-se importante mencionar que os anos de 1930 a 1940 também se caracterizaram por uma abordagem radical no interior da profissão, porém, de forma incipiente, não identificada como categoria profissional como ocorrido nos anos de 1960, mas principalmente como uma ação de militância política. Contudo, os profissionais ao se aprofundarem nesse paradigma de análise, começaram a compreender a realidade social sob uma nova ótica, reforçando a necessidade da mobilização popular para se alcançar os objetivos da classe trabalhadora, no intuito de fomentar o processo de resistência contra o grande capital, para se assegurar e ampliar seus direitos.

De acordo com Wagner (1989) a influência crítica radical, tem sua maior significância, quando há um grande processo de insatisfação social devido às condições políticas e econômicas enfrentadas pela população. Com isso, emerge inúmeros movimentos contra a ordem dominante, o que faz acender a necessidade de se entender todos os determinantes que compõe a vida dos sujeitos. Wenocur e Reisch, também explicitaram que as atuações ocorreram de forma mais acentuada em períodos de agitação social cataclísmica, quando toda a sociedade é forçada a focar em condições político-econômicas, e partindo de análises pela perspectiva político-econômica. Cabe apontar que os assistentes sociais puderam por vezes refletir sobre seu papel na preservação

de práticas e instituições que perpetuaram desigualdades. Mas, também, apareceu em outras épocas, como um tipo de contraponto persistente aos principais temas do Serviço Social, expandindo sua capacidade de moldar as características de seu trabalho (WENOCUR & REISCH, 1983, p.685-686).

Diante do exposto, pode-se considerar que em momentos mais difíceis economicamente sob o advento de uma crise tende a produzir mais agitação social, mais processos de mobilizações em defesa e ampliação dos direitos da classe trabalhadora. Em contraposição, em contextos mais calmos, não há a presença assídua da população. Diante disso, torna-se mais favorável para o capital realizar suas conciliações, no intuito de apaziguar qualquer tipo de contestação social que ameace o desenvolvimento do capital.

Cabe ressaltar que a profissão ficou marcada principalmente por três momentos ao longo de sua trajetória histórica. O primeiro momento referiu-se ao protagonismo que os “clientes” exerceram para que os assistentes sociais se articulassem aos movimentos das forças populares; o segundo, se tratou do “profissionalismo militante” que possibilitou maior criticidade dos assistentes sociais diante de suas ações, contribuindo para o fomento do processo de resistência contra o grande capital; o terceiro momento, trouxe a menção de um radicalismo “absorvido” no bojo do Serviço Social, em que incidiu uma diminuição drástica da atuação no campo crítico no seio da categoria (WAGNER, 1989, p.70).

Portanto, não compreende os desígnios desse estudo oferecer uma resposta conclusiva sobre o cunho radical, a sua principal vertente. O que se pode apontar, é que em determinados momentos do século XX, ocorreram mudanças na profissão, repercutindo no modo de pensar e agir dos profissionais diante dos períodos referendados. Com isso, há evidência de movimentos no Serviço Social que foram de fato contestatórios à ordem dominante, mas que porventura, se incidiram em contextos de maior mobilização popular devido ao contexto político enfrentado no momento.

## REFERÊNCIAS

LEONARD, Peter. **Radical social work: towards a paradigm for radical practice.** New York: Pantheon, 1976. p. 47-61.

CLOWARD, Richard; PIVEN, Frances Fox. **Radical social work**: Notes toward a radical social work. New York: Pantheon, 1976.

PAULO NETTO, José. As condições histórico sociais da emergência do Serviço Social. In: \_\_\_\_\_. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2005.

REISCH, Michael; ANDREWS, Janice. **The road not taken**: a history of radical social work in the United States. Ed. Routledge, 2002.

WENOCUR, Stanley; REISCH, Michael. The social work profession and the ideology of professionalization. **The Journal of Sociology & Social Welfare**, v.10, n.10, nov. 1983.

WAGNER, David. Radical movements in the social services: a theoretical framework. **Social Service Review**, v. 63, n. 2, 1989.

WENOCUR, Stanley. The social welfare workers movement: a case study of the new left thought in practice. **The journal of sociology & social welfare**, v. 3, n. 2, 1974.